

Quando criança eu gostava de olhar os complicados padrões repetidos dos papéis de parede da casa de meus pais, e os “jogos das diferenças” que apareciam nas revistas semanais. Este prazer continua. É fascinante tentar descobrir a estrutura ou variação das coisas. Provavelmente isso é algo que fazemos o tempo todo para dar sentido à nossa existência. A mesma fascinação e satisfação eu experiencio quando olho para as gravuras de Maria Lucia Cattani. Isto que dizer que elas são apreciadas num nível de padrões decorativos e simples soluções de quebra-cabeças? Num certo sentido sim. São esses os elementos que talvez façam o trabalho acessível inicialmente. O jogar o jogo envolve o espectador numa análise detalhada da imagem e desta análise emerge a complexidade, a beleza e a bravura do trabalho.

Torna-se mais difícil focalizar toda a imagem uma vez que a nossa exploração de uma cor da padronagem parece acontecer em planos focais diferentes. Ficamos emaranhados num labirinto de cor, linha, gesto e espaço.

A gravura em metal é uma das mais rigorosamente disciplinadas e tecnicamente complexas formas de gravura. Em suas manifestações mais comuns, como ponta seca e água forte (na qual o efeito do ácido sobre o metal revela descobertas casuais quando a gravura é retirada da prensa) pode-se pensar em pequenas imagens monocromáticas finamente detalhadas e executadas com linhas raspadas ou marcadas com uma ponta fina, talvez com sutis traços de água-tinta. No entanto, contrastando com esse processo, Maria Lucia faz gravuras que são frequentemente em escala monumental, nas quais grande pinceladas gestuais de cor aparecem para desconsiderar muitas das tradições do meio e para desenvolver uma afinidade próxima à pintura.

O processo técnico da gravura em metal é uma parte essencial no processo criativo para Maria Lucia Cattani. O revestimento inicial da chapa com base e vernizes, a alquímica aplicação de ácidos, o processo fisicamente laborioso de entintagem e limpeza das chapas, a preparação dos papéis e a passagem final do material através da prensa, não visível aos olhos, revelam seus segredos apenas no fim, ou seja, todas essas ações contribuem para a imagem final, e todas essas práticas parecem atuar como modificadores ou barreiras entre a mão da artista e o trabalho finalizado, de maneira não encontrada em práticas bidimensionais de desenho e pintura. Apesar da considerável importância da tecnologia (Maria Lucia julga ser a prensa, em particular, um mediador entre ela e o trabalho) os resultados finais permanecem manuais e retêm o aspecto direto, frequentemente não associado a este meio.

A gravura é também um processo que frequentemente envolve reprodução e edição. No passado a gravura artística foi uma maneira de reprodução de trabalhos para um grande mercado. Gravuras são editadas e publicadas porque em muitos de seus processos é possível usar a placa, o taco, a tela, etc. repetidamente para edições relativamente grandes. Os primeiros trabalhos de Maria Lucia seguiam essa tradição e existem em edições pequenas e limitadas. Atualmente isso foi abandonado. A natureza reprodutiva do meio é agora desenvolvida dentro do trabalho. O que antes teria sido a edições de nove copias torna-se agora nove partes de um único trabalho. A mesma chapa é frequentemente usada em uma série de trabalhos, mas sempre a imagem produzida será diferente e distinta das outras. A chapa pode ser rodada em muitas direções diferentes, cores podem diferir, apenas fragmentos da chapa podem ser impressos ou a tinta pode ser aplicada irregularmente na forma de monotipia. Assim, a chapa é capaz de muitas variações de imagem. Superpondo-se uma versão de uma chapa

entintada sobre outra pode-se desenvolver um padrão de complexidade matemática. Superpondo-se duas ou mais placas, com suas associadas variações de cor, rotação, inversão, etc., a equação parece desenvolver proporções infinitas.

O resultado de seu processo individual é uma abordagem intuitiva e expressionista para com a linha e a cor, ligada a uma rede e a uma estrutura com a complexidade geométrica da natureza: um dança entre acaso e ordem.

Nick Rands

1994